

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: PERCALÇOS ENTRE PRÁTICA E TEORIA, O PROCESSO DE ENSINO E AVALIAÇÃO EM ARTES PARA ALUNOS PORTADORES DE NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS.

RUTZ, Taís Bohlke

Acadêmica do curso de Licenciatura em Artes visuais, UFPEL. taisrutz@yahoo.com.br

MEIRA, Mirela Ribeiro

Depto de Ensino, FAE/UFPEL. mirelameira@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Esse resumo apresenta e discute um assunto que vem se destacando no ambiente escolar: a inclusão. Embora não seja mais novidade para muitos, na prática ainda existe um grande caminho a ser percorrido, principalmente no sistema educacional. Existe a conscientização da necessidade de inserir, na rede escolar, pessoas portadoras de necessidade educacionais especiais, visto que fazem ou pelo menos deveriam fazer parte do mesmo convívio social. Como futura professora de arte, acredito que mudanças são necessárias, pois grande parte dos professores, tanto da área das Artes bem como as demais, vê-se despreparada profissionalmente para lidar com essa situação, agravando a qualidade atual do ensino, já precário. Constata-se, assim, a urgente necessidade de uma reformulação do currículo que deve se adaptar a essa nova realidade escolar.

A presente pesquisa justifica-se a partir de um interesse tanto pessoal, e acredita-se que também o de uma coletividade de docentes interessados na reformulação do ensino especificamente em relação à inclusão e, nesta, o processo avaliativo em arte.

Diante dos presentes argumentos, o objetivo da pesquisa aqui relatada é discutir e analisar o processo da educação inclusiva, tendo como tema as aulas de arte para alunos portadores de necessidades educacionais especiais e, dentro destas, o processo avaliativo em especial. Deseja-se investigar a relação/tensão entre práticas observadas em aulas de artes destes alunos inseridos em uma escola pública, regular e inclusiva da cidade de Pelotas, RS e os aspectos teóricos, ou seja, como é recomendada, “no papel”, a inclusão de alunos, no tocante ao ensino de arte e à avaliação. Para tanto, verificar-se-á as condições gerais de como é feita, supostamente, a inclusão, como que tipo de exigências são necessárias para que uma escola possa receber tais alunos, como se ela dispõe de fato de recursos físicos, materiais adequados, pessoas com formação pertinente, se e de que forma o professor de artes é capacitado para lidar com a inclusão, e, por fim, verificar como se dá a avaliação deste aluno em relação ao que é por lei e teoricamente recomendado no tocante à inclusão e à diversidade.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa o iniciar-se-á em setembro de 2010 e possui uma abordagem qualitativa, e caracteriza-se como estudo de caso, por optar pela observação de

uma sala de aula regular, inclusiva. Para tanto, num primeiro momento será feita a revisão de literatura a partir de autores que se pautam no estudo da diversidade, como esta se localiza em relação à Educação em Geral, o que é e quais as diretrizes de uma educação inclusiva, o que são necessidades especiais e como o ensino de Arte se localiza em relação a esses temas, em especial as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os estudos de Hugo Beyer (2010) e Ana Alice Pillar (1999), Ana Mae Barbosa (1988) e Fayga Ostrower (1990).

Serão utilizados como instrumentos entrevistas: com o professor responsável pela disciplina de artes da escola, um aluno portador de necessidades educacionais especiais e outro aluno regular, dentro da turma observada, a fim de proporcionar a pesquisa os dois pontos de vista, a coordenadora pedagógica e a direção da escola, a fim de analisar o ensino de arte nesse contexto e como a organização da escola lida de fato com este assunto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percebe-se que já há algum tempo vem se desenvolvendo uma grande pressão social no sentido de abertura de um espaço para alunos com necessidades educacionais especiais, gerando um movimento de reavaliação dos pressupostos fundamentais que regem a educação inclusiva e conseqüentemente uma revisão dos métodos de avaliação tradicionais. Com isso levantam-se questões sobre como ministrar aulas de arte para esses alunos de forma não segregativa e sim inclusiva, pois se tem consciência de que a forma de avaliação tradicional não cabe mais a atual realidade escolar, segundo Beyer (2010):

É injusto avaliar o desempenho de diferentes crianças com os mesmos critérios ou as mesmas medidas. Crianças que são únicas em suas características, e ao mesmo tempo diferentes entre si, não podem ser comparadas através de procedimentos escalonados por uma media que define os alunos como bons, médios ou fracos... (BEYER, 2010, P.30).

Quando se começa a detalhar o assunto, começam a surgir questionamentos, como o fato de antes as escolas especiais eram segregadoras e dissociadas das escolas regulares, Beyer (2010, p.14) comenta em seu livro que se acreditava que até pouco tempo atrás "... As crianças com deficiência eram consideradas como sem 'prontidão para a escola' e 'não educáveis'. [...] Elas não poderiam freqüentar a escola pública. Deveriam ficar em casa ou em instituições especiais...", e por isso os professores da rede regular não precisavam se preocupar em como lidar com esses alunos portadores de necessidades especiais.

Com base nos presentes estudos, os resultados que encontro de forma parcial são os de que, a partir do momento em que a educação inclusiva entrou em vigor, o professor se depara em uma situação na qual a grande maioria dos docentes não está preparado para lidar, que é a inserção desse aluno portador de necessidades educacionais especiais junto aos demais alunos regulares dentro da mesma sala de aula. Na prática é possível mesmo que a escola cumpra as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais no que diz respeito as

diretrizes de uma educação inclusiva, como aplicá-las nas aulas de arte, e com relação à avaliação, por exemplo, tem-se a consciência que os métodos avaliativos tradicionais não são mais válidos para nenhum aluno, nessa nova realidade. Por isso, ressalta-se a necessidade de investigar as relações entre as teorias e as práticas que vem sendo adotadas sob o nome de inclusão.

Beyer defende a idéia do princípio de individualização dos alunos, onde:

Uma aula dada num ambiente escolar inclusivo exige dos alunos exatamente o que eles têm capacidade de demonstrar. Nem mais, nem menos. [...]. Deve-se e pode-se esperar que cada criança corresponda às suas capacidades individuais e desenvolva sua própria personalidade. (Beyer 2010, p.29).

4 CONCLUSÕES

O presente momento conclui parcialmente que deve-se rever os parâmetros sob os quais a maioria de nós fomos educados, enquanto pessoas e docentes, não sendo, por exemplo, com relação à avaliação, necessariamente as “notas”, os resultados finais que definem a capacidade do aluno, se ele está apto ou não para prosseguir. Deve-se levar em conta o processo desenvolvido pelo aluno ao longo de um período determinado, as dificuldades superadas pelo mesmo, partindo do princípio de que cada aluno é único e erramos ao tratá-los homogeneamente, aproximando assim o ambiente escolar em um ambiente inclusivo para esses alunos, preservando o mais próximo possível os princípios da educação inclusiva.

5 REFERÊNCIAS

- PILLAR, Ana Alice. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: Conflitos/acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1988.
- BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- BOFF, Leonardo. (a) **Espiritualidade. Um Caminho de Transformação**. R.Janeiro: Sextante, 2001a.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar. Ética do Humano-Compaixão pela Terra**. R.Janeiro: Vozes, 2001b.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. *Diário Oficial da União*, Brasília/DF, n. 248, dez. 1996.
- DUARTE-JR, João F. **O Sentido dos Sentidos. A Educação (do) Sensível**. Curitiba: Ed. Criar, 2001.
- OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística**. R.Janeiro: Campus, 1990.
- READ, Hebert. **A Educação pela Arte**. Ed. 70: Lisboa, 1982.
- SANTOS, Cintia Regina de Lima dos. **A educação inclusiva e o ensino das artes visuais para alunos com deficiência no ensino fundamental em uma escola pública e inclusiva da cidade de Pelotas**. 2009. Tese (Graduação em

Artes Visuais)-Instituto de Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas,
Pelotas, 2009.